



6 • Correio Braziliense — Brasília, domingo, 26 de dezembro de 2021

Bolsas Na quinta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Na quinta-feira	Euro Comercial, venda na quinta-feira	Capital de giro Na quinta-feira	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,33% São Paulo	108.326 20/12 21/12 22/12 23/12	R\$ 1.100	R\$ 5,663 (-0,08%)	R\$ 6,419	6,76%	9,15%	Julho/2021 0,96 Agosto/2021 0,87 Setembro/2021 1,16 Outubro/2021 1,25 Novembro/2021 0,95
0,55% Nova York			Últimas cotações (em R\$)				
			17/dezembro 5,685 20/dezembro 5,743 21/dezembro 5,739 22/dezembro 5,667				



Risco de novo PIB negativo, inflação e juros altos dificultam retomada. Para especialistas, é preciso reavaliar gastos desnecessários

Presos à estagnação

» ROSANA HESSEL

O ano de 2021 termina em um cenário nada animador quando se olha para o horizonte a partir de 2022. O país não consegue crescer e está preso a uma armadilha da qual não será fácil sair no ano que começa, especialmente, com a inflação acima de 10% e os juros voltando ao patamar de dois dígitos, o que poderá colocar o país em uma nova recessão em pleno ano eleitoral.

Após o tobo de 4% no Produto Interno Bruto (PIB), em 2020, por conta da pandemia da covid-19, a atividade econômica iniciou 2021 com um impulso inesperado de 1,3% no primeiro trimestre, apesar da segunda onda da covid-19 e dos atrasos na entrega das vacinas no país. As estimativas de crescimento do ano chegaram a ser revisadas para mais de 5%, em alguns casos. Contudo, os meses se passaram e a retomada esperada não ocorreu em meio à inflação persistente no Brasil e no mundo e às trapalhadas do governo Jair Bolsonaro (PL) na condução das políticas econômica e monetária, que ficou mais preocupado em se reeleger a qualquer custo.

O fato é que a realidade se impôs. Em meio à escalada da inflação e da deterioração das expectativas do mercado que viu que o governo não conseguiu cumprir as promessas de campanha, a atividade perdeu o fôlego e o PIB recuou 0,4%, no segundo trimestre, e mais 0,1%, no terceiro, colocando o país em um cenário de recessão técnica — quando há dois resultados negativos do PIB consecutivos. Projeções do mercado passaram a ser revisadas para baixo e, para 2022, indicam que, na melhor das hipóteses, o país poderá crescer entre 0,5% e 1%, mas o risco de novo PIB negativo não está descartado.

O consenso entre os analistas é de que a atividade econômica anda de lado, e eles reconhecem que o risco de o país ficar preso nessa armadilha do baixo crescimento sem prazo determinado é considerável. Aliás, o desafio para o país crescer a partir de 2022 será ainda maior, porque o cenário macroeconômico piorou, a inflação está persistente e elevada, acima de 10% e deverá continuar neste patamar, pelo menos, até abril ou maio de 2022. Para piorar, a taxa básica de juros (Selic), atualmente em 9,25% ao ano, continuará subindo no ano que vem, podendo encerrar dezembro entre 11% e 11,75% anuais.

“Nenhum país é bem sucedido economicamente com inflação alta. O que faz a economia crescer é a conjugação de três elementos: mão de obra para incorporar o processo produtivo, investimento público e privado e produtividade, que é a capacidade de fazer mais com os mesmos recursos e a principal fonte de geração de riqueza”, destaca Mailson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda de José Sarney e sócio da Tendências Consultoria.

O economista lembra que 80% do crescimento da economia se explica pela produtividade que, no país, ainda é muito baixa. “No Brasil, mais de 90% do sucesso na agropecuária tem a ver com a produtividade, que utiliza a tecnologia em larga escala no

campo. Mas existem fatores que perderam força no país, como o bônus demográfico, que não foi aproveitado, e a taxa de investimento baixa, em média de 14% a 15% do PIB nos últimos anos”, afirma. “Houve investimentos nas concessões de infraestrutura, mas eles serão realizados a longo prazo e ainda são insuficientes para mudar o atual cenário”.

Nova década perdida

Conforme dados do Credit Suisse, após a hecatombe global de 2020 provocada pela pandemia, a média de crescimento do Brasil é inferior à dos anos 1980, considerada a década perdida. O PIB brasileiro registrou expansão de 1,2%, entre os anos de 2010 e 2021, dado inferior ao 1,7% registrado entre 1980 e 1989. Pelas estimativas do banco suíço, que prevê queda de 0,5% no PIB de 2022, o país está entrando na terceira recessão dos últimos oito anos devido à inflação elevada e a perspectiva de queda no consumo e nos investimentos em um ano eleitoral cheio de incertezas que podem ajudar a travar o processo de retomada.

Para a economista-chefe do Credit Suisse no Brasil, Solange Srouf, não será fácil ao país sair da armadilha de baixo crescimento, devido às sinalizações dadas pelo governo de abandono do compromisso de preservar as regras fiscais, após a aprovação da PEC dos Precatórios, que mudou a regra do teto de gastos e ainda criou espaço fiscal para o governo gastar mais que R\$ 100 bilhões.

“Sair da crise atual significa debater não apenas como retomar as reformas, mas também adotar medidas para tornar a gestão pública mais eficiente e trazer condições para que o Brasil possa voltar a crescer no médio prazo. Neste aspecto, diminuir a insegurança jurídica, fortalecer as instituições e melhorar o ambiente regulatório é essencial. Não é trabalho para um governo, mas, sim, para vários”, alerta.

Ela destaca que será preciso uma reforma tributária bem ampla e a reavaliação dos gastos desnecessários. “É preciso realizar uma reforma tributária ampla e unificar os benefícios sociais existentes com a realocação dos recursos já utilizados, controlar o crescimento da despesa primária, racionalizar os gastos com pessoal, por meio da reforma administrativa, e buscar melhorar os resultados de políticas de educação e saúde”.

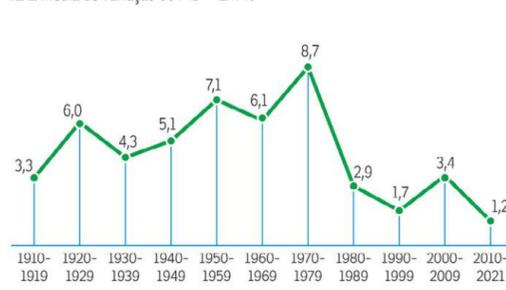
Retomada desigual

Entre os analistas, não há um consenso de que houve a famosa retomada em V que Paulo Guedes costuma afirmar, sinalizando uma retomada rápida da crise da pandemia. Eles lembram que o processo de recuperação econômica é desigual e muitos setores ainda não recuperaram o patamar do fim de 2019. Uns falam em crescimento em K e, outros, em uma raiz quadrada. Portanto, voltar ao patamar de 2014 ainda vai demandar muito tempo. “O país ainda não recuperou a tendência de crescimento pré-pandemia, que já era fraco, e o patamar de 2014 ainda está distante”, lamenta a economista Sílvia Matos, coordenadora do Boletim Macro do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre).

A sina da armadilha

O Brasil não consegue escapar da armadilha do baixo crescimento e perdeu o bônus demográfico e terá um grande desafio para conseguir crescer daqui para frente

Crescimento médio histórico do país, conforme dados do Credit Suisse
Taxa média de variação do PIB - Em %

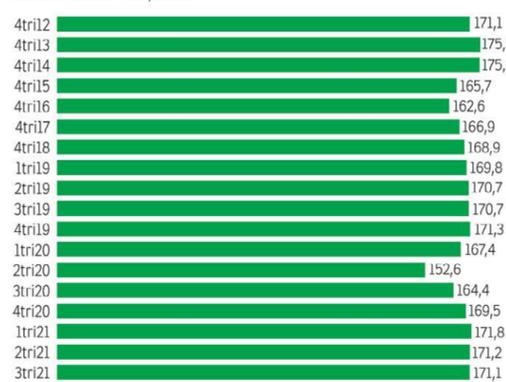


Retomada difícil

O PIB do terceiro trimestre de 2021 ficou levemente abaixo do patamar do quarto trimestre de 2019, ou seja, a economia ainda não retornou totalmente o patamar pré-pandemia

Série com ajuste sazonal

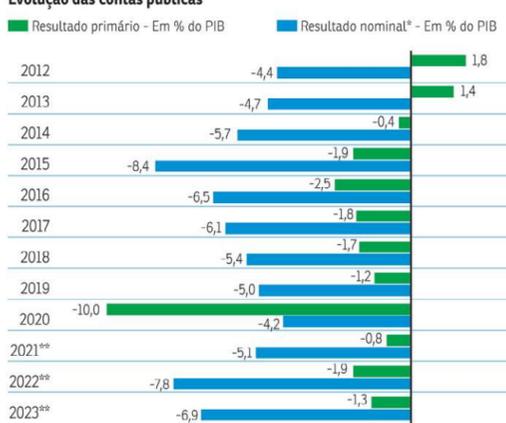
Patamar do PIB - Em pontos



Calcanhar de Aquiles

O Brasil tem um dos maiores endividamentos do mundo emergente, que deverá continuar crescendo devido aos déficits acumulados e, também, aos juros crescentes

Evolução das contas públicas



*Inclui os gastos com juros da dívida pública
**Previsão do Credit Suisse

Acima da média

Brasil é um dos países com maior dívida pública bruta entre os emergentes e equiparada à média dos países da Zona do Euro, onde o juro real é negativo

Dados em % do PIB

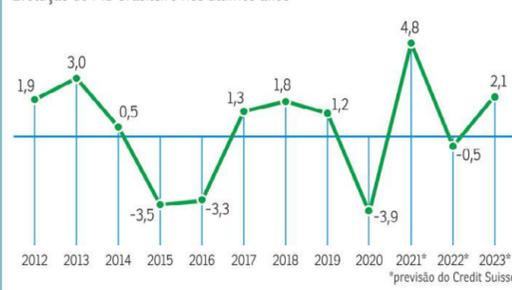
País/Região	2000	2020	2021*	2026*
África do Sul	37,9	69,4	68,8	83,0
Brasil	65,6	98,9	90,6	92,4
Chile	13,2	32,5	34,5	40,5
China	23,0	66,3	68,9	80,1
Colômbia	38,0	65,4	66,7	64,7
Índia	73,6	89,5	90,6	85,2
México	40,3	61,0	59,8	61,5
Peru	44,9	35,1	35,0	43,8
Rússia	55,9	19,3	17,9	17,5
Estados Unidos	53,1**	133,9	133,3	133,4
Média dos países emergentes	46,9	63,1	63,4	68,1
América Latina e Caribe	45,9	77,6	73,3	72,9
Zona do Euro	69,1	97,5	98,9	92,1

*Previsão do FMI **Dado de 2001, porque em 2000 não havia dado disponível na série

Fontes: Credit Suisse, IBGE, BNP Paribas, Itaú Unibanco e FMI

PIB anual

Evolução do PIB brasileiro nos últimos anos



Na lanterna

O Brasil segue na lanterna global em termos de crescimento e não consegue crescer mais do que a média mundial e até mesmo menos do que os vizinhos

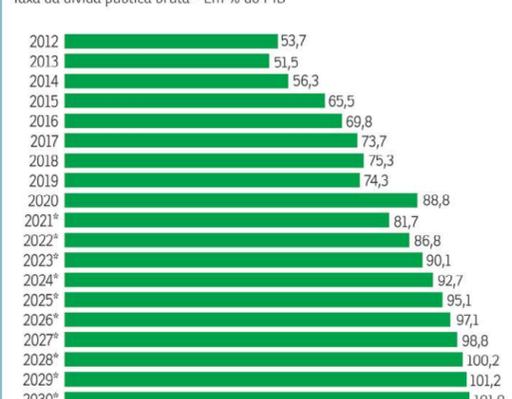
Projeções do BNP Paribas do PIB global e de vários países

País/Região	2021*	2022*	2023*
Mundo	5,6	4,8	3,8
Estados Unidos	5,5	4,7	2,8
Zona do Euro	5,0	4,2	3,0
Alemanha	2,6	3,6	3,6
França	6,7	4,2	2,5
Espanha	4,3	5,4	3,5
Japão	1,7	3,6	1,6
Reino Unido	7,1	5,4	2,1
Países emergentes	5,6	5,3	3,8
América Latina	6,3	1,5	2,0
Argentina	8,0	1,5	2,0
Chile	11,7	2,5	2,0
Colômbia	10,0	4,0	3,0
México	5,5	4,0	3,0
Brasil	4,8	0,5	2,0
Brasil	4,4**	-0,5**	1,0**

*previsão do BNP Paribas
**previsão do Itaú Unibanco revisada

Evolução da dívida pública bruta

Taxa da dívida pública bruta - Em % do PIB



*Previsão Credit Suisse considerando mudanças no teto de gastos e taxa de juros neutra de 4% ao ano

